As asas de um anjo e a sociedade oitocentista

Luana Pihurski Florentino (PIBIC/Fundação Araucária/UEPG), Fabio Augusto Steyer, e-mail: fsteyer@uol.com.br.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem

Palavras-chave: Asas de um Anjo; José de Alencar; Sociedade; Imprensa

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo pesquisar e expor a sociedade oitocentista por meio do olhar presente na obra *As asas de um Anjo*, de José de Alencar datada com ano de primeira exibição em 1858. A principal lente de estudo do trabalho será a reflexão do comportamento da sociedade, a expressão e representação da mulher da metade do século XIX. A peça em estudo foi alvo de censura, e essa também é uma das questões abordadas. Para isso foi realizado um levantamento de dados online no banco de dados da Biblioteca Nacional Digital com o objetivo de encontrar publicações que repercutiam a censura da peça. O final do trabalho apresenta reflexões pautadas nos trabalhos de Faria (1987) e Fernandes (2007) que esclarecem os possíveis motivos das escolhas de Alencar com relação ao destino da personagem principal.

Introdução

A segunda metade do século XIX foi uma época de destaque marcada por grandes sucessos de José de Alencar. Apesar de ser conhecidamente um romancista, Alencar também causou impacto na dramaturgia brasileira.

Na dramaturgia, Alencar foi pioneiro em terras brasileiras a apresentar as discussões sobre a prostituição, que já eram recorrentes na França. Nesse caso, a discussão é apresentada por meio da história da jovem pobre Carolina, quando no ano de 1858, a peça *As asas de um Anjo* é encenada pela primeira vez no Ginásio Dramático. O autor expõe de maneira clara a posição da personagem principal, que logo no início prefere a linguagem do amor e da sedução, à linguagem da amizade e do casamento, representadas por Luiz seu primo e pretendido marido. Carolina é seduzida e engodada por Ribeiro e, ainda no prólogo, foge de casa em busca de um sonho e de uma aventura, indo de encontro ao previsível cotidiano.

A pesquisa contou primeiramente com um aprofundamento sobre a sociedade oitocentista e seus conceitos com relação principalmente à mulher, ao casamento e a sexualidade.

Considerando que a imprensa da época teve papel fundamental na repercussão da peça, foi realizado um levantamento das publicações relevantes do Diário do Rio de Janeiro no ano de 1858, contribuindo dessa forma significativamente para a compreensão da recepção da obra por parte da sociedade.

Revisão de literatura

A obra As asas de um Anjo de José de Alencar, foi escrita em 1857 e teve sua primeira exibição no início de 1858. A peça é dividida em quatro atos e em tais lemos discussões que permeavam a sociedade da época como: discussão sobre o amor, o desejo e a figura feminina. Pode-se afirmar que tais discussões permeavam a sociedade da época tendo em vista que o contexto do Brasil do século XIX ainda era permeado de considerações patriarcais sobre o papel da mulher na sociedade.

A peça conta com além de Carolina, seus pais Antonio e Margarida, Luis primo de Carolina, Meneses, Pinheiro Helena e Vieirinha, como personagens principais.

No prólogo conhecemos Ribeiro, que é aquele que seduz Carolina e leva-a consigo. Ribeiro, seu primeiro amante, é responsável por tirar os laços azuis de sua cabeça, suas asas de anjo, simbolizando, a perca da inocência de Carolina, conforme fala de Luiz, ao presenciar a fuga de Carolina e Ribeiro: “São as asas de um anjo, Margarida; ela perdeu-as, perdendo a inocência.” (Alencar, 2004, p. 327).

Percebe-se ao decorrer das cenas que Carolina e Ribeiro já não compartilham da mesma paixão evidenciada no prólogo, e além disso, Carolina parece estar ansiosa por uma vida fora daquilo que Ribeiro a colocou.

Na sua ânsia por gozar o mundo, nota-se nas falas da personagem que sua visão de mundo e amor são distantes, tanto do conceito da época, quanto do que era lhe oferecido por Ribeiro.

> Não entendo esses amores ocultos, que tem vergonha de se mostrarem; isto é bom para os velhos e os hipócritas. Amar é gozar da existência a dois, partilhar seus prazeres e sua felicidade. Que prazeres temos nós que vivemos aborrecidos um do outro? Que felicidade sentimos para darmo-nos mutuamente? (Alencar, 2004, p. 338)

Como percebe-se ao longo das falas de Carolina, a peça ia de encontro com os padrões para uma sociedade na época. Em razão disso, O Diário do Rio de Janeiro, que segundo Marendino (2014, p. 4) era responsável por, além de informar, difundir conteúdo literário, foi responsável por publicar criticas literárias à peça e sua exibição. Além disso, o mesmo periódico deu voz a José de Alencar para sua defesa e indagação sobre a proibição de sua obra.

Sendo assim, como parte integrante da pesquisa desse trabalho, recorremos a microfilmes do Diário do Rio de Janeiro que estão sob a guarda da Biblioteca Nacional e são disponibilizados on-line pela mesma. O site da Biblioteca Nacional oferece um mecanismo de pesquisa que conta com a escolha do periódico, por período ou local. Pesquisou-se por periódico com os anos de abrangência de 1850 a 1859 e para facilitar e restringir a pesquisa o filtro “azas de um anjo” foi usado. Nesse período de abrangência, o destaque foi por parte do Diário do Rio de Janeiro, resultando 23 ocorrências encontradas e dentre essas, 13 se mostram de importância com relação a obra, conforme relatamos no tópico abaixo.

Resultados e Discussão

Conforme esclarecido anteriormente, as ocorrências de relevância com relação a obra somaram o total de 13 publicações datadas entre junho e julho de 1858. Nela lemos como o autor defende-se dos principais argumentos contrários a exibição da peça e resultantes na sua proibição. Destaca-se que se optou por transcrever os trechos originais dos microfilmes sem alterações e sem adaptações a atual norma escrita do Português.

A ocorrência do dia 30 de maio de 1858, noticia que “No theatro do Gymnasio, representa-se hoje pela primeira vez, drama As azas de um anjo”.

Já na quarta-feira, 23 de junho de 1859, temos a publicação da censura a que a peça fora submetida.

Na mesma data de publicação da proibição, Alencar divulga uma reação ao ocorrido. Lemos:

> “A lei menciona tres causas de prohibição de uma obra dramática, e são: o ataque às auctoridades constituídas, o desrespeito à religião, e a offensa à moral pública; não havendo na minha comédia nada de relativo às duas

> primeiras causas, conjecturo que a acusação de immoralidade feita por alguns espectadores demasiadamente escrupulosos foi o único fundamento da ordem policial." (Alencar, 1858, p. 1)

A partir disso, Alencar expõe os motivos expostos em lei para uma proibição e os confronta com sua obra. Destaca-se aqui que temas semelhantes já haviam sido abordadas e apresentadas a público no Ginásio como em *A dama das camélias*, de Dumas Filho, e *As mulheres de mármore*, de Lambert Thiboust Théodore Barrière, e não causaram tamanho espanto. Em razão disso, segundo Alencar, o problema maior da peça é ser uma obra brasileira e sobre costumes nacionais.

Nessa passagem, Alencar sinaliza o fato de que o público era acostumado a peças francesas e que as personagens Margaride, Marco e Carolina, nas palavras do autor, são a mesma mulher mas somente a sua não foi bem aceita. Alencar ressalta:

Em seguida na publicação o autor ainda esclarece, para fortalecer seu argumento de que a protagonista de sua obra se assemelha a outras, que Carolina é um tipo que se esforçou a copiar, e não uma criação própria.

Alencar também sustenta o argumento de que a peça apresenta o vício castigado pelo próprio vício. Assim lemos:

> "A lição que se dá aos pais de família sobre a necessidade de cuidarem da educação moral de seus filhos; a punição do seductor que acabando por amar a mulher que ele seduziu, vê-se abandonado por ella; o castigo do moço pródigo, que depois de sacrificar toda a sua fortuna a uma amante, encontra nela o desprezo e o escárnio quando se trata de salval-o da deshonra; a miseria que serve de termo à vida desregrada de uma pobre menina, impelida pela imaginação enferma, que lhe dourava o vício; o horror da filha que, vendo seu pai ébrio estender-lhe os braços lascivos, contempla o profundo abysmo de abjecção e vergonha a que se arrojou; e finalmente o supplício de Tântalo de um amor partilhado e não satisfeito, de um amor cheio de remorsos e recordações pungentes, a accusação eterna, constante da consciência; tudo isto será immoral?
>
> E entretanto é esta a acção da minha comédia; são aquellas as theses que me propuz desenvolver, no meio de um quadro de costumes brasileiros: Não ha ahi uma só personagem que não represente uma ideia social, que não tenha uma missão moralisadora." (Alencar, 1858, p. 1)

Alencar argumenta que a existência de Carolina se torna uma punição de seus erros, e segundo o autor, essa punição é o amor que Carolina tem por Luiz, e o sentimento de vergonha de si mesma, se reconhecer indigna. O autor então elenca os personagens de sua obra e os apresenta com relação a seus tipos e papeis representados na sociedade.

Conclusões

Concordamos com Fernandes (2012) que em seu artigo "Amor e pecado: a representação feminina em as asas de um anjo" argumenta que Alencar, apesar de ser ousado indo de encontro com a moral da época, faz a apresentação com o intuito de dar uma lição a sociedade, que andava por caminhos diferentes dos que pregavam e defendiam.

> Entretanto, Alencar não foi de todo ousado na medida em que não vai de encontro a moral vigente. Se por um lado este apresenta como figura central da obra a mulher "decaída", figura viva e denunciante da hipocrisia social, o faz com o intuito de dar uma lição moral à sociedade carioca, a qual defendia um discurso puritano, mas na prática andava por outros caminhos. É através de Carolina que Alencar denuncia o falso moralismo da

> sociedade cortesã do Rio de Janeiro. Porque, afinal, tudo cede ao mundo da volúpia da cortesã. (Fernandes, 2012, p.5)

A personagem principal se apresenta então, após o casamento com Luiz, como uma mulher redimida, mas mesmo assim entende sua condição permanente de mulher perdida perante a sociedade. Conforme lemos:

> Carolina – [...] aquela que uma vez errou nunca mais e reabilita. Embora ela se arrependa; embora pague cada um de seus momentos de desvario por anos de expiação e de martírio: embora, iluminada pelo sofrimento, ela compreenda toda a sublimidade da virtude, e aceite como gozo aquilo que para tantas é apenas um dever, um sacrifício ou um costume!... Nada disso lhe vale! Se ela aparecer o mundo arrancará o céu que cobre o seu passado (Alencar, 2004, p. 492).

Para finalizar, concordamos com Fernandes (2012) que, sobre o final da peça, argumenta:

> Assim, José de Alencar dá a esta obra um final duplo. Para Carolina, o casamento é ao mesmo tempo um prêmio e uma punição. Um prêmio porque pelo matrimônio há a reabilitação social da personagem, ela poderia ser reconhecida como uma senhora respeitável e dar um nome a sua filha. Longe de ser fria e calculista como as cortesãs do teatro realista francês, a protagonista ganha traços idealizados sob a ótica romântica ao corromper seu corpo com o vício, mas conservar sua alma pura por amor. Uma punição porque representa a impossibilidade da efetivação do amor por Luís, já que estes seriam marido e mulher diante do mundo, mas como irmãos na intimidade. (Fernandes, 2012,p. 8)

Agradecimentos

Agradeço ao professor Dr. Fabio Augusto Steyer por, primeiramente ter aceitado me orientar na pesquisa, e também por permanecer disposto a ajudar sempre que necessário, disponibilizando seu tempo em função da pesquisa.

Referências

ALENCAR, J. As asas de um anjo. In: AGUIAR, Flávio. (Org.). José de Alencar Comédias. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 279-513.

ALENCAR, J. As azas de um Anjo. In: Diário do Rio de Janeiro, 23 de Junho de 1858. Disponível em: www.memoria.bn.br. Acessado em 10 de Agosto de 2017 às 23:22.

FARIA, J. R. José de Alencar e o teatro. São Paulo: Perspectiva; USP, 1987.

FERNANDES, L. S . Amor E Pecado: A Representação Feminina Em As Asas De Um Anjo, De José De Alencar. In: III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade I Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade, 2012, Campinas. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS) dilemas e desafios na contemporaneidade, 2012.

MARENDINO, L. P. As transformações do Diário do Rio de Janeiro no contexto político e social do Império. In: XIX Encontro Regional de História: Profissão do historiador: formação e mercado de trabalho, 2014, Juiz de Fora. Anais do XIX Encontro Regional de História: Profissão do historiador: formação e mercado de trabalho., 2014.